



Gabriela, jornalista negra, moradora da Cidade de Deus, estuda Comunicação Popular de olho no futuro

20 de novembro: Dia da Consciência negra

A lei N.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, assinada pelo presidente Lula, incluiu o dia 20 de novembro no calendário escolar, data em que comemoramos o Dia Nacional da Consciência Negra. A mesma lei também tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Com isso, professores devem inserir em seus programas aulas sobre os seguintes temas: História da África e dos africanos, luta dos negros no Brasil, cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional.

O objetivo da lei é contribuir para o resgate das contribuições dos povos negros nas áreas social, econômica e política ao longo da história do país.

A escolha dessa data não foi por aca-

so: em 20 de novembro de 1695, Zumbi - líder do Quilombo dos Palmares- foi morto em uma emboscada na Serra Dois Irmãos, em Pernambuco, após liderar uma resistência que culminou com o início da destruição do quilombo Palmares.

Então, comemorar o Dia Nacional da Consciência Negra nessa data é uma forma de homenagear e manter viva em nossa memória essa figura histórica. Não somente a imagem do líder, como também sua importância na luta pela libertação dos escravos, concretizada em 1888.

Fonte: IBGE (<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/consciencianegra/home.html>)

Após longa greve, bancários arrancam conquistas

Como resultado da maior greve realizada pela categoria nos últimos 20 anos, os bancários arrancaram da Fenaban reajuste de 16,33% nos pisos (aumento real de 11,54%), reajuste de 7,5% (aumento real de 3,08%) para quem ganha até R\$ 5.250 (o que engloba 85% da categoria) e em todas as verbas salariais e, incremento na PLR. Conquistaram a inclusão na Convenção Coletiva, pela primeira vez, de mecanismos para combater o assédio moral no trabalho e a falta de segurança nas agências.

Além das conquistas econômicas e sociais, a Campanha 2010 representa mais um passo importante na consolidação da estratégia de unidade nacional, que des-

de 2004 vem sendo construída pelos trabalhadores de bancos privados e públicos. Com sabedoria e organização, os bancários superaram as adversidades e conquistaram uma Convenção Coletiva de Trabalho válida para todos os bancos em todo o território nacional.



Novo secretário diz que Educação é negócio

O novo secretário de estadual de educação, Wilson Risolia, começou mal. Ao assumir o comando de uma rede com cerca de 1,25 milhão de alunos, afirmou que pretende adotar uma "visão de negócio" na educação pública estadual.

Para ele, o Estado tem que oferecer um produto de boa qualidade para o cliente, que é o aluno e a sociedade. A Feteerj protesta e reafirma que educação não é mercadoria e nem negócio. Educação é um bem público. É direito de todos.

DICAS CULTURAIS DICAS CULTURAIS DICAS CULTURAIS

Piratas do Caribe, de Tariq Ali, inspira filme

No livro *Piratas do Caribe*, o paquistanês Tariq Ali, marxista histórico, editor da *New Left Review* mostra como a América do Sul vem se fortalecendo em alternativas ao capitalismo neoliberal e à hegemonia política dos Estados Unidos no continente. São destacados como

protagonistas desse movimento os presidentes Hugo Chávez, da Venezuela; Evo Morales, da Bolívia; e Rafael Correa, do Equador. Estes governos formam, segundo o autor, o "Eixo da Esperança". Inspirados no exemplo de Fidel Castro, precisam enfrentar diariamente a hostilidade a eles dirigida

pelas classes dominantes e pela mídia hegemônica. Tariq Ali é um dos palestrantes confirmados para o 16º Curso Anual do NPC. Sua palestra será no dia 24 de novembro, à noite. As ideias centrais do livro estão refletidas no filme *Ao Sul da Fronteira*, de Oliver Stone, que será exibido no último dia do curso, em projeção no Cine Odeon. Após o filme haverá debate com João Pedro Stedile dirigente do MST e Vânia Bambirra, professora, militante histórica da esquerda latino-americana e cientista política.

Uma noite em 67 retrata Festival da TV Record

Uma noite em 67 é um filme bonito de se ver. O documentário, dirigido por Renato Terra e Ricardo Cabil, mistura imagens históricas com depoimentos inéditos dos principais personagens daquela noite, tanto artistas quanto produtores e membros do júri. Somos levados até a noite do dia 21 de outubro de 1967, final do 3º Festival de Música Popular Brasileira da TV Record.

Além dos jovens e iniciantes músicos que se revezavam no palco para competir, a plateia também era personagem principal nesses festivais. De nervos à flor da pele com a opressão da ditadura militar que endurecia cada vez mais, o público aplaudia e viajava com forte entusiasmo. Dentre as canções finalistas do Festival estavam "Roda Viva", interpretada pelo tímido Chico Buarque e MPB4; "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso; "Domingo no Parque", interpretada por Gilberto Gil e os Mutantes, grupo então pouco conhecido; o samba "Maria, Carnaval e Cinzas", cantada por Roberto Carlos; "Beto Bom de Bola", interpreta-

da por um nervoso Sérgio Ricardo, que quebrou o violão e o atirou à plateia depois das vaia; e, por fim, "Ponteio", interpreta-

da por Edu Lobo e Marília Medilha, canção vencedora daquela noite inesquecível. Vale ser revisitada.

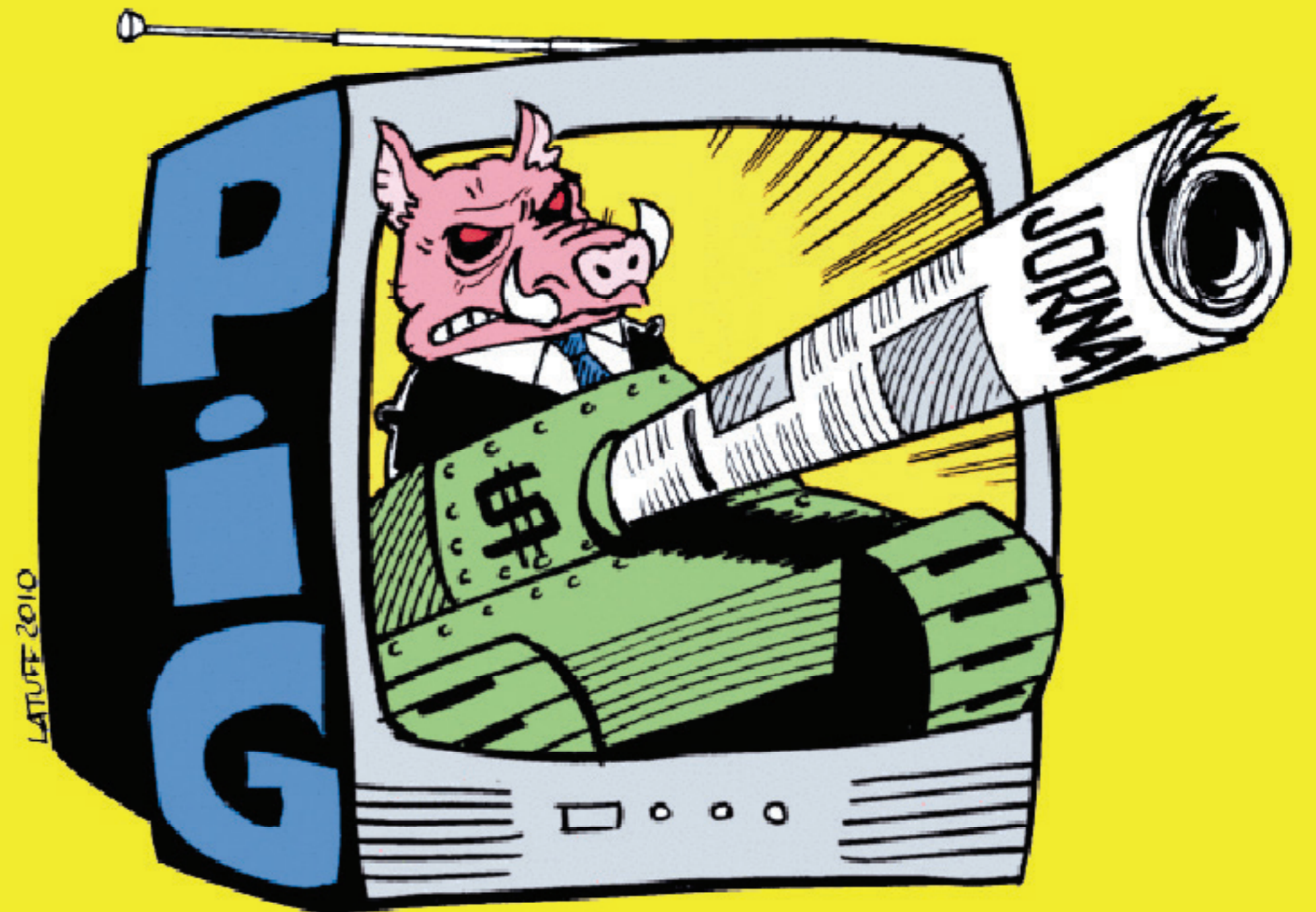
Caros Amigos: edição especial sobre genocídio dos índios

A Revista *Caros Amigos* lançou nessa semana uma edição especial com o tema Genocídio e resistência dos índios do Brasil. A publicação traz textos, artigos, entrevistas e análises que mostram algumas das mais variadas violências praticadas contra os povos originários do Brasil.



Fala FETEERJ

Jornal em Defesa do Professor e da Educação - Rio de Janeiro - Outubro de 2010 - Ano V - Nº 13 - Filiada à CUT e à CONTEE



- 3 Conservadores espalham mentiras e calúnias contra a candidata do Lula
- 4 Saiba tudo o que rolou no Congresso da Feteerj
- 6 A educação no Brasil melhorou, mas ainda falta muito, diz Quedo
- 7 A sociedade está psicótica e violenta. A escola vive essa contradição

Eleições 2010

Houve três olhares sobre o Brasil. Primeiro, foi visto a partir da praia: os índios assistindo a invasão de suas terras. Segundo, foi visto a partir das caravelas: os portugueses “descobrimo/encobrimo” o Brasil. O terceiro, o Brasil ousou ver-se a si mesmo e aí começou a invenção de uma república mestiça étnica e culturalmente que hoje somos.

O Brasil enfrentou ainda quatro duras invasões: a colonização que dizimou os indígenas e introduziu a escravidão; a vinda dos povos novos, os emigrantes europeus para substituírem índios e escravos; a industrialização conservadora de substituição dos anos 30 do século passado mas que criou um vigoroso mercado interno e, por fim, a globalização econômico-financeira, inserindo-nos como sócios menores.

Face a esta história tortuosa, o Brasil se mostrou resiliente, quer dizer, enfrentou estas visões e intromissões, conseguindo dar a volta por cima e aprender de suas desgraças. Agora está colhendo os frutos.

Urge derrotar aquelas forças reacionárias que se escondem atrás do candidato da oposição. Não julgo a pessoa, coisa de Deus, mas o que representa como ator social.

Celso Furtado, nosso melhor pensador em economia, morreu deixando uma advertência, título de seu livro *A construção interrompida* (1993): “Trata-se de saber se temos um futuro como nação que conta no devir humano.

Ou se prevalecerão as forças que se empenham em interromper o nosso processo histórico de formação de um Estado-nação” (p.35). Estas não podem prevalecer. Temos condições de completar a construção do Brasil, derrotando-as com Lula e as forças que realizarão o sonho de Celso Furtado e o nosso.

Devido à urgência do momento estamos publicando excepcionalmente neste espaço trecho de artigo de Leonardo Boff

O QUE VAI PELOS SINDICATOS

NOVA FRIBURGO

Ensino privado e educação infantil em foco no II Congresso do Sinpro

A educação brasileira, o quadro atual do ensino privado e a educação infantil foram os temas centrais do II Congresso do Sinpro de Nova Friburgo e Região. O evento foi realizado em 17 e 18 de setembro de 2010, em Nova Friburgo, região Serrana do estado do Rio de Janeiro.

“O congresso foi muito positivo porque tocamos em assuntos que são muito sérios. Com foco no ensino superior, destacamos que a educação não é mercadoria. Além disso, discutimos a contraposição entre teoria e realidade na educação infantil”, explica o professor Francisco Perez Levy, diretor do Sinpro de Nova Friburgo.

Na mesa-redonda do primeiro dia, mediada pelo diretor do Sinpro, Ricardo Costa, a professora Bertha Reis do Vale fez um histórico do movimento sindical na área do magistério. O diretor do Sinpro, Pierre da Silva Moraes, falou sobre a sua participação e a da companheira de mesa na Conferência Nacional de Educação. Destacou a necessi-

dade de mobilização para garantir a aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), no Congresso. No debate, Moraes chamou atenção para a privatização do sistema educacional brasileiro no ensino superior.

“Hoje o setor privado é absolutamente soberano no ensino superior”, afirma Francisco Perez Levy. “Cada vez mais se atendem as necessidades do mercado e deixa-se de atender as demandas das camadas populares”, destaca. O professor Ricardo Costa complementou, alertando que há um processo de desnacionalização em curso por meio de fusões e incorporações de empresas educacionais brasileiras a multinacionais do ensino.

No segundo dia do congresso, a professora Lygia Carreteiro, da Feteerj, falou sobre seu trabalho na área de educação infantil em Niterói e sobre sua experiência de luta no Sinpro deste município. A professora Érika Guimarães, profissional da educação infantil em Nova Friburgo e secretária do Conselho Municipal de Educação, também participou da mesa-redonda e informou que a fiscalização em escolas particulares terá atenção especial na atuação dos conselheiros.

REGIÃO DOS LAGOS

Sinpro se prepara para comemorar aniversário de 20 anos

Gizele Martins

O Sindicato dos Professores da Região dos Lagos está em ritmo de comemoração pelos seus 19 anos, que serão completados em dezembro. Mas, desde já, o Sindicato se movimentou para a festa dos 20 anos, em 2011. “Será um ano de mobilização para que todos os professores da região tenham conhecimento desta importante data”, afirma o professor de matemática da Faculdade da Região dos Lagos e também secretário de Administração de Finanças, Ronald Ferreira dos Santos.

Criado para atender os trabalhadores dos municípios de Cabo Frio, Araruama e São Pedro da Aldeia, o Sindicato dos Professores hoje, se expande para outros municípi-

os. Segundo Ronald, que participa do sindicato há 15 anos, o objetivo é passar a atender outras áreas. “Queremos estender a base para Araruama, Saquarema e Búzios”, afirma.

Ronald Ferreira conta o que, para ele, aconteceu de mais importante na história do Sinpro-Lagos. “Em 2005, fizemos uma grande reformulação. Deixamos de ser um sindicato presidencialista e passamos a ter uma diretoria colegiada, mais aberta, mais democrática”.

Uma das principais bandeiras de luta do sindicato é estar mais presente nos movimentos sociais da região. De acordo com o professor, o objetivo central é fazer com que os professores tenham cada vez mais o Sindicato como referência na busca de seus direitos.

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS - O presidente do Sinpro-Rio afirma:

A sociedade está psicótica e violenta e a escola é palco dessas contradições

A violência não está dentro da escola. A violência também está dentro da escola. A escola, independente de ser privada ou pública, mas principalmente a escola pública, onde as pessoas vêm de diversas camadas sociais, regiões da cidade, e culturas, havendo uma pluralidade maior, é hoje um espaço público - um dos poucos que restaram.

Nessa pluralidade/diversidade, você hoje encontra uma sociedade pouco tolerante, um sociedade agressiva e que vive com a premissa de três grandes valores de mercado: o hedonismo, o narcisismo e o consumismo. Toda a sociedade hoje transformou-se nesses três “valores”, desde a tenra idade. Todos estão dentro da lógica do mesmo mercado.

Hoje, dentro da escola, o que você vê são crianças que, desde os dois, três anos de idade, vão para a escola com bolsinhas da Barbie, garoto que vai com a roupa do super-herói Ben 10.

Consumo e violência

Essa criança mesmo em uma escola pública de uma comunidade carente, vai com essa bolsinha - que o pai comprou no camelô. A que está na escola caríssima da Zona Sul do Rio de Janeiro vai com a bolsa com a mesma logomarca, só que é uma bolsa de marca comprada em uma loja chique. O produto tem qualidade diferente, mas a motivação consumista está presente desde



os dois anos de idade em todas as camadas sociais. E isso vai para a sala de aula.

A criança desde cedo passa a ver a felicidade dela dependendo do que ela possui. E é isso que importa, a menina é a princesa, a rainha, a criança é o centro das atenções. O mundo no entorno deve viver para ela.

Os valores de solidariedade, coletividade, compaixão, altruísmo, a questão da alteridade, de olhar o outro e se reconhecer no outro, isso é muito pouco trabalhado. E aí entra a questão narcisista e a questão hedonista, que é a busca do prazer como único valor.

Aula tem que ser prazerosa, aula tem

que ser alegre... O professor tem que transformar o ambiente em feliz e o conceito de felicidade está preso à satisfação individual e ao consumo. Isso não tem fim. Isso é doença.

A sociedade está psicótica e violenta e a escola é palco dessas contradições porque o professor que entra em sala com 40, 50 alunos, a primeira coisa que ele tem que fazer é se comunicar com esses alunos e fazer com que eles participem de um coletivo. Para isso, ele tem que ter uma perspectiva de vida coletiva, de respeito, de tolerância... tem que ter capacidade de socializar-se.

Isso tudo vai na contramão do mercado e dos valores que estão sendo colo-

cados nessa sociedade. Daí tantos confrontos e agressões. São muitas princesas e muitos super-heróis dentro de sala e um professor sem apoio, precarizado, trabalhando em dez escolas e que tem que dar conta disso. Então, é óbvio que o cenário montado dentro da sala de aula e da escola é um cenário para conflito, mas não conflito no sentido do crescimento. É um conflito sem solução, da agressividade porque o que impera é a intolerância, a falta de respeito, o descaso, o individualismo. E aí parte-se para as agressões físicas e morais, para o bullying.

Saída: ação coletiva

No meu entender, a saída é o resgate do respeito à diversidade, à tolerância religiosa, à tolerância de gênero, a valorização da vida coletiva, do espaço público. O professor tem que ocupar os espaços públicos que estão acessíveis a ele. Tem que participar das reuniões do seu sindicato, da sua comunidade, se interessar pelas coisas coletivas.

Nos sindicatos, preferencialmente, tem que reivindicar melhores condições de trabalho. O professor não tem que pensar que só o salário vai resolver a situação dele, porque não vai. Mesmo as escolas que dizem que pagam não sei quanto colocam o professor dentro deste cenário com este assédio moral etc. O professor acaba adoecendo.

SAÚDE DO PROFESSOR

Categoria tem um dos maiores índices da SÍNDROME DE BURNOUT

Essa síndrome foi descoberta nos Estados Unidos a partir de uma pesquisa feita nos anos 70 com médicos porque tinha se percebido que a drogadição e os índices de suicídio eram muito grandes. Muitos enfermeiros e médicos se drogaram, morreram de overdose e se suicidaram. É uma coisa mais de corporação. Se esconde muito esses casos e, aí foi se fazer essa pesquisa da relação com pessoas e a impotência com o trabalho. A privatização do sistema de saúde americano e o mundo

neoliberal levaram o médico a ter uma postura que era contrária à sua própria formação de ter que atender a quem tem dinheiro e não a quem necessita. Você faz por um tempo, mas depois a pessoa começa a sentir problemas.

A partir daí se identificou que outras categorias, como policiais, professores, operadores de telemarketing, comerciários e pessoas que trabalham com atendimento ao público começaram a ter sintomas semelhantes e que isso constitui uma síndrome. Ela se manifesta primeiro pela

exaustão, depois pelo desinteresse pela própria atividade e, depois, pelo afastamento, pela dificuldade de realizar suas tarefas e a perda do sentido do seu trabalho.

As pessoas se constituem, no mundo moderno, pelo trabalho. Quando você é privado da autoria desse trabalho, você se torna alienado, repete algo que você não acredita e vai contra seus princípios. Isso faz com que você “entre em parafuso” físico e mental e que vai ter reflexos, vai somatizar no corpo: aí vêm as doenças de pânico, depressão, problemas de saúde

cardiovascular...

O Sinpro-Rio tem uma campanha institucional permanente deste mandato que é a campanha de condições de trabalho e de saúde do professor. O site é www.saudedoprofessor.com.br. Lá, todos podem ter as informações completas sobre essa campanha e o histórico dela. No site divulgamos a síndrome de Burnout e como se prevenir. Disponibilizamos cartilhas online que podem ser baixadas e os interessados podem saber sobre prevenção e tratamento.

EXPEDIENTE FALA FETEERJ (TRIÊNIO 2009/2012)

Jornalista responsável: Claudia Santiago (MTB. 14.015)
Diagramação: Daniel Costa
Contatos: (21) 2532-0319 / 2524-6174
imprensa.feteerj@terra.com.br / www.feteerj.org.br

DIRETORIA COLEGIADA:

Secretaria de Administração
- Luiz Alberto Wiechers Grassi - Sinpro Petrópolis
- Wel José Rocha - Sinpro Petrópolis e Região
- Edson Oliveira Santos - Sinpro Niterói e Região
Secretaria de Finanças
- Antônio Rodrigues da Silva - Sinpro-Rio
- Sílvia Paredes Pinheiro - Sinpro N. Friburgo e Região
- Leonardo S. Bastos - Sinpro Petrópolis e Região
Secretaria de Assuntos Jurídicos e Trabalhistas
- Lygia Maria B. Carreteiro - Sinpro Niterói e Região
- Ricardo Gomes de Carvalho - Sinpro Lagos
- Paulo Roberto P. Gomes - Sinpro Norte-Morreste

Secretaria de Imprensa e Divulgação
- Ronald Ferreira dos Santos - Sinpro Lagos
- Francilino Pinto Paes Leme - Sinpro-Rio
- Patrícia E. dos Santos - Sinpro Niterói e Região
Sec. de Formação Sindical, Assuntos Educacionais e Culturais
- Robson Terra Silva - Sinpro Norte-Morreste Fluminense
- Wanderley Júlio Queiroz - Sinpro Rio
- João F. do Couto - Sinpro N. Friburgo e Região
Sec. de Organização, Rel. Políticas, Sociais e Sindicais
- Francisco P. Levy - Sinpro N. Friburgo e Região
- Silvano Pereira Alexandre - Sinpro Costa Verde
- Guilhermina L. da Rocha - Sinpro Macaé e Região
Conselho Fiscal
- José Luís Miranda Antunes - Sinpro Lagos
- André Luís Pereira Muniz - Sinpro Norte-Morreste Fluminense
- César Gomes Araújo - Sinpro Macaé e Região

ENTREVISTA com Wanderley Quêdo premiado pela ABI e pela *Folha Dirigida*

A educação no Brasil evoluiu mas ainda falta muito



CLAUDIA SANTIAGO

gar ao ensino superior. Agora, com a construção do Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020) poderemos traçar metas concretas para a próxima década.

FALA FETEERJ: Como enfrentar o problema do modelo funil?

Wanderley Quêdo: O Plano Nacional de Educação é uma das estratégias. A luta de todos os professores e trabalhadores da educação deve ser para garantir que o novo Congresso Nacional se debruce, a partir de janeiro sobre essa questão. As bandeiras aprovadas na Conae apontam diretrizes e metas amplamente discutidas por quase 3,5 milhões de trabalhadores e movimentos sociais durante dois anos. Queremos:

- qualificação,
- regulamentação do piso nacional,
- plano de carreiras,
- valorização do profissional de educação,
- sistema nacional articulado de educação.

Queremos a garantia de que este plano e o sistema nacional se tornem políticas de Estado, deixando de ser políticas de governo para que haja continuidade e consequência para a população. A transformação da Conferência em Fórum de Educação Permanente é fundamental para que todo o movimento social, o movimento sindical, o movimento dos trabalhadores de um modo geral, da sociedade civil e política organizada possam permanentemente estar no acompanhamento social de todas as políticas públicas.

FALA FETEERJ: Qual sua opinião sobre as Escolas Técnicas?

Wanderley Quêdo: Fundamentais. Um país que tem uma perspectiva de crescimento sustentável, com qualidade de vida, precisa ter essa formação técnica tanto de nível superior quanto de nível médio. Ela é necessária para esses jovens trabalhadores, esses estudantes que vão entrar no mundo do trabalho. Não podemos achar que o Brasil deve ser um país só de doutores. Um país necessita da qualificação do trabalhador e do estudante e das oportunidades que são dadas pela escola pública a esses trabalhadores. É fundamental a ampliação do número de vagas no setor público na educação superior. Hoje nós ve-

mos universidades subutilizadas que funcionam com 25%, 30% da sua capacidade.

FALA FETEERJ: No que toca ao ensino superior, gostaria de saber sua opinião sobre o Prouni e sobre a relação das universidades privadas com os professores e com a educação.

Wanderley Quêdo: Apoiamos o Prouni como uma medida historicamente emergencial. Não é uma política de permanência. Não cabe ao Poder Público subsidiar financeiramente o setor privado.

As universidades públicas passaram dez anos sem abrir novos cursos, sem concurso para funcionários de apoio e para professores. A partir dos anos 1990, com a liberação para abertura de matrículas no setor privado e a precarização das universidades públicas as universidades ficaram caindo aos pedaços.

O setor privado ampliou suas ofertas com mil incentivos. Então, chegamos a uma realidade hoje distorcida, na qual 75% das matrículas estão em instituições privadas. E destes, 50% em cursos noturnos de qualidade duvidosa. A universidade pública responde por menos de 25% das vagas.

Nossa ideia é que temos que ampliar as vagas e abrir novas universidades públicas, abrir cursos que ocupem esse espaço que hoje é ocupado pelo setor privado.

Agora, sem a ação do Prouni teríamos hoje um número ainda muito maior de jovens fora de qualquer universidade. São gerações desperdiçadas, vidas desperdiçadas. Faço parte, pela Contee, da Comissão Nacional de Avaliação do Prouni (Conap). O Prouni deve ser fiscalizado. Estamos lutando para que essa comissão tenha poderes não só de avaliar, mas de fiscalizar também. Uma das funções da Conap é propiciar a formação de comissões locais de acompanhamento. Essas comissões têm que ter representantes dos professores eleitos, dos estudantes, da comunidade acadêmica e até da sociedade civil. Nós temos que garantir que cada instituição, que cada *campus* tenha acompanhamento social.

FALA FETEERJ: Qual a importância da unificação do calendário escolar?

Wanderley Quêdo: Hoje a sociedade tem uma visão equivocada disso. Muita gente acha que, como o filho está em casa, o professor também está. Ele trabalha em quatro ou cinco escolas e cada escola tem um calendário diferente. Então, quando ele está parado em uma escola em janeiro, ele não está necessariamente parado na outra. Em julho acontece a mesma coisa. Muitos profissionais acabam trabalhando doze meses por ano.

FALA FETEERJ: Isso comprometeria a qualidade do ensino?

Wanderley Quêdo: Às vezes o professor trabalha em três escolas ao longo do dia e, assim, não tem tempo para refletir, para se atualizar, para ter uma vida cultural. O professor é um intelectual e ele tem que exercitar esse intelecto, tem

que ler, ir a uma galeria de arte, ir ao cinema, ao teatro... ele tem que entender a sociedade, tem que ter tempo para ler um jornal durante o dia. Então esse professor que não

tem tempo para nada, fica exausto, e a qualidade do ensino fica comprometida.

FALA FETEERJ: E quanto à questão salarial?

Wanderley Quêdo: A questão salarial está no cerne de tudo isso. O piso é muito baixo. Mesmo o piso nacional fixado atualmente em R\$ 1.100,00 é irrisório para 40 horas. O piso no Rio de Janeiro da Rede Estadual é R\$800 para o professor que entra para 16, 20 horas. É irrisório. Na rede privada do município do Rio de Janeiro o piso hoje é de R\$734,25 para quatro horas diárias. Estamos batalhando no sentido de que nós temos que ter um reajuste pelo INPC. Paralelamente a isso queremos uma recuperação do piso dos últimos dez anos. Ou seja, estamos apontando para que nós próximos três anos nós tenhamos uma recuperação de no mínimo 50% e o ideal é que seja de 100% desse piso. A maior parte da categoria é "pisante".

Temos uma dívida histórica com a educação. Temos milhões de analfabetos e o funil do Ensino Superior

ELEIÇÕES 2010: calúnias forçaram 2º turno e encobriram debate político

Campanha mentirosa para assustar eleitores

Com e-mails cheios de falsidades absurdas e farta distribuição de DVDs com conteúdo religioso contra a candidata Dilma amedrontaram o eleitor. Foi um festival de difamação só comparável aos meses antes do Golpe de 64.

Claudia Santiago

Os dias que antecederam ao primeiro turno das eleições presidenciais foram marcados por uma rede de boatos que colocavam em dúvida a dignidade da candidata do PT à Presidência da República, a ministra Dilma Rousseff. Foi uma campanha de difamação lançada por toda a mídia comercial pausada com aquela de antes do Golpe de 1964.

O corpo a corpo calunioso também aconteceu. A Agência Estado divulgou que, a um eleitor evangélico, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, que citava Jesus Cristo como o "único homem que prestou no mundo" e que declarou voto em Dilma, a mulher de Serra, Mônica Serra, afirmou que a petista seria a favor do aborto. "Ela é a favor de matar as crianças", disse a mulher de Serra ao vendedor ambulante Edgar da Silva, de 73 anos.

Foram atribuídas a Dilma frases que ela não disse. Usou-se os piores preconceitos aos quais ainda é preso parte do eleitorado para minar a candidatura. Usou-se artifício para jogar evangélicos e católicos contra a candidata.

"As opções religiosas são direitos pântanos e questões do fórum íntimo das pessoas numa democracia. O eixo das elei-

ções presidenciais é a escolha de quem a maioria do povo considera mais confiável para trilhar rumo a um país menos miserável, de bem-estar social, uma pátria-mãria para o seu povo," afirma a médica Fátima Oliveira, do Conselho da Rede de Saúde das Mulheres Latino-americanas.

Qual o país que queremos?

O que realmente interessa em uma eleição presidencial foi colocado em segundo plano. Qual o país que queremos? Essa é a resposta que precisamos dar nas urnas.

Neste 2º turno, a eleitora e o eleitor vão decidir se querem a volta do projeto de Fernando Henrique que privatizou as estatais, deixou os funcionários públicos sem qualquer reajuste, que perseguiu o movimento sindical e o movimento social. Ou se

Foi espalhado pela internet que Dilma teria dito: "Nem Jesus Cristo pode me tirar esta eleição"

Isso não é verdade!

Onde Dilma falou isso?

... em qual jornal?

... em qual cidade?

... em que dia?

querem a continuidade do governo Lula. O governo de Fernando Henrique, do qual Serra fazia parte colocou o exército das refinarias para reprimir a greve dos petroleiros.

Serra gosta muito de falar da saúde, mas foi em sua gestão que a epidemia de dengue assumiu contornos dramáticos em todo o país. O recorde no número de casos foi atingido no último ano de gestão de FHC/Serra, em 2002. Serra passou a ser chamado de ministro da dengue porque demitiu 6 mil "mata-mosquitos", funcionários da Funasa (Fundação Nacional de Saúde), que trabalhavam no combate à doença. O governo Lula reintegrou todos.

Por estes motivos, a Feteerj em seu último Consind, realizado em agosto, aprovou o espectro da candidatura representada por Dilma.

Como diria Gramsci: mídia empresarial assume o papel de partido político

Patética mídia nativa

Jornais e revistas ainda não perceberam que os tempos de golpismo acabaram e acreditam manter a velha influência do Oiapoque ao Chuí

Mino Carta

Espanta a tenacidade com que a mídia nativa permanece atada ao passado oligárquico. Os editoriais de hoje são absurdamente iguais àqueles de 47 anos atrás, que invocavam o golpe para impedir a cubanização do Brasil. Agora falam em mexicanização e venezuelização, e clamam contra o assalto à democracia e à liberdade de imprensa, perpetrado pelo presidente da República e seu partido e fadado a prosseguir à sombra de Dilma Rousseff.

Durante o ano de 1963 e nos primeiros meses de 1964 anunciavam a iminente marcha da subversão. Nunca passou. Veio foi a Marcha da Família, com Deus e pela Liberdade, de imponentes efeitos subver-

sivos. E lá se foi a liberdade, com a bênção dos editorialistas. Os quais aí estão agora para prestar seu solerte serviço. Salvo raras exceções, editorialistas, colonistas, articulistas. Diretores, redatores-chefes, editores, repórteres. A turma toda.

Os colegas do lado de lá, um exército, prestam-se a acusar sem provas, omitir fatos, frequentemente mentir com a expressão do dever cumprido. (...)

É espantoso: a rapaziada ainda não percebeu que o País mudou em latitude e longitude em relação à época do golpe. Certo é que a mídia detinha amplo poder há 50 anos, quadra favorável à influência dos ditos formadores de opinião. Bastava alcançar os senhores da minoria e seus aspirantes para alcançar os fins buscados. (...)

Os coronéis ainda mandavam em largas áreas e na hora da eleição lotavam a caçamba do caminhão depois de colocar a cédula preenchida nas mãos dos seus peões. Chamava-se voto de cabresto, e dava certo. Esse gênero de penosas tradições

foi tragado pela transformação de um país então de 70 milhões de habitantes e hoje de 200. E com os documentos em dia para chegar logo à maioria, à contemporaneidade do mundo. (...)

A maioria não é mais aquela, a pressão dos patrões e dos capatazes não a condiciona e, principalmente, não lê jornal e ao Jornal Nacional prefere a novela e os Faustões da vida. Os editoriais e as manchetes mantêm, contudo, o tom de outrora, na desmiolada convicção de atingir a todos, do Oiapoque ao Chuí.

De todo modo, não nos iludimos quanto à possibilidade de uma redenção da mídia, pelo menos a curto prazo. Os caminhos são conhecidos porque experimentados com ótimos resultados em países mais adiantados. Difícil, por ora, percorrê-los. Trata-se de criar leis para limitar o monopólio da comunicação e conter a influência patronal nas redações, ao se cancelar, inclusive, e de vez, a figura do diretor de redação por direito divino.

Leis nesse sentido estão em vigor em países de democracia mais antiga e protegida. Aqui é dramaticamente visível, como cabo das tormentas em meio ao mar revoltoso, o obstáculo representado pelo próprio Congresso, que deveria debater e aprovar as novas leis. Inúmeros deputados e senadores são donos de instrumentos midiáticos e não é por aí que rapidamente chegaríamos a uma solução aceitável, assim como não seria se o governo pretendesse ditar as regras.

Sobram perguntas, angustiantes: o que haverá de ler, ou ouvir, o cidadão consciente quando interessado em saber dos fatos? Em quem confiar no espectro sombrio da mídia nativa? Como distinguir entre a informação honesta e a opinião eventualmente distorcida, corrompida até pelo partidarismo?

[http://www.cartacapital.com.br/destaques_carta_capital/patetica-midia-nativa.6.10.2010\(nº616\)](http://www.cartacapital.com.br/destaques_carta_capital/patetica-midia-nativa.6.10.2010(nº616))

O PAÍS FRENTE À ELEIÇÃO PRESIDENCIAL: Congresso da Feteerj define apoio à candidata Dilma Roussef

Governo Lula criou 14 universidades e implantou piso salarial nacional

A Feteerj realizou, de 27 a 28 de agosto, o seu 9º Consind. Participaram representantes de todos os sindicatos filiados à Federação em municípios do Norte ao Sul do Estado. Dois temas centrais nortearam os debates: Conjuntura Nacional e Comunicação.



Professores atentos aos debates no Consind da Feteerj

O Congresso da Feteerj aprovou o apoio da entidade à candidatura da ministra Dilma Roussef. Dilma, mulher, mãe, avó e política competente e comprometida com questões centrais para os profissionais da educação.

Com Dilma, continuaremos lutando por escolas públicas, regulamentação das escolas privadas, reforma agrária, tributária, judiciária e outras, necessárias para diminuir as desigualdades no nosso país.

Novamente, repetindo as opções possíveis desde a primeira eleição direta, em 1989, no ano de 2010 dois projetos estão em disputa. Dilma Roussef representa o aprofundamento do projeto de oito anos do governo Lula. José Serra representa as mesmas forças que protagonizaram os oito anos do governo FHC, que

implementou o neoliberalismo no Brasil.

O resultado destas eleições será determinante para o futuro do Brasil e dos brasileiros. São dois projetos, dois países distintos, dois futuros diferenciados para o povo brasileiro que estão se confrontando.

Dois projetos em disputa: um nacional e um neoliberal

O governo FHC criou em oito anos 1,26 milhões de empregos com carteira assinada. Só nos primeiros seis meses de 2010, o Brasil criou 1,5 milhões de empregos formais. O governo federal espera fechar o ano de 2010 com 2,5 milhões de contratações com carteira assinada. Segundo o Ipea, a cada dez postos de trabalhos gerados, nove já são com registro.

O salário mínimo é um elemento muito importante na economia pois distribui renda. Seu impacto vai além do bem estar dos seus beneficiados. Ele estabele-

ce o piso salarial do mercado formal de trabalho, influencia as remunerações do mercado informal e decide o benefício da Previdência Social. A política de recuperação do salário mínimo, além da política de ampliação do crédito, tem sido decisiva para democratizar o acesso ao mercado de bens de consumo por uma parcela da população que saiu da compra de um chinelo e um short e entrou modestamente nas lojas, isto é, no mercado.

O programa Bolsa Família, em 2009, alcançou 12,4 milhões de famílias que foram beneficiadas com R\$ 12,4 bilhões, o que equivale a dizer que cada família recebeu aproximadamente R\$ 83,00 por mês. Pouco, muito pouco sabemos. Os professores, porém, conhecem a realidade de alunos que não têm sequer a refeição garantida em casa. Sabem, como ninguém a diferença entre dar aulas para alunos bem alimentados e alunos com fome.

Governos Lula e Dilma e a educação

Da pré-escola ao pós-doutorado, o Brasil mudou nos últimos anos. Não foi feita nenhuma revolução na educação. Os problemas estão longe de serem completamente resolvidos. Mais muita coisa mudou graças a ações e programas implementados pelo Governo Lula. Estes programas precisam ter continuidade. Por isso, precisamos eleger a ministra Dilma para presidente. Essa foi a argumentação do Consind.

FHC/Serra

Recursos para a educação:

12,3 bilhões de reais.

Universidades construídas:

1

Lula/Dilma

Recursos para a educação:

44,8 bilhões de reais.

Universidades construídas:

14

Reitores apoiam política educacional do governo Lula

Em carta dirigida à sociedade brasileira os reitores das principais universidades do País reconhecem o Governo Lula como o que mais investiu em educação pública.

Eis o texto da carta:

- ✓ Foram criadas e consolidadas 14 novas universidades federais;
- ✓ Instituiu-se a Universidade Aberta do Brasil;
- ✓ Foram construídos mais de 100 campi universitários pelo interior do País;
- ✓ Escolas Técnicas e Institutos Federais foram criados e /ou ampliados
- ✓ Através do PROUNI, possibilitou-se o acesso ao ensino superior a mais de 700.000 jovens.
- ✓ As universidades federais, de norte a sul e de leste a oeste dobraram de tamanho
- ✓ Foram criados novos cursos
- ✓ Milhões foram investidos em infraestrutura
- ✓ Profissionais qualificados foram contratados por concurso público.

Plano Nacional de Educação é central para vida dos professores

O Plano Nacional de Educação é uma questão estratégica para a Feteerj. Essa é a principal luta dos profissionais de educação neste momento. É nele que as bandeiras de luta aprovadas na Conae, discutidas por quase 3,5 milhões de trabalhadores durante dois anos, serão transformadas em realidade.

Para dar continuidade a esta longa caminhada em defesa do magistério, os professores e professoras presentes ao Congresso de sua federação, a Feteerj, decidiram indicar o voto em Dilma Roussef para a Presidência do Brasil.

Queremos que estas bandeiras sejam implementadas.

- ✓ Elaboração do Plano Nacional de Educação
- ✓ Regulamentação do Piso Salarial nacional
- ✓ Plano de Carreira
- ✓ Valorização do profissional e Educação
- ✓ Sistema de Educação Articulado Nacionalmente como política de Estado
- ✓ Transformação da Conferência em Fórum de Educação Permanente
- ✓ Democratização dos Meios de Comunicação

Por dentro do Consind



Para embasar as discussões sobre comunicação em seu Congresso, a Feteerj convidou o jornalista Altamiro Borges, do Centro de Estudos de Mídia Barão de Itararé, e o coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação, Vito Giannotti. Foi consenso entre os delegados que o debate sobre a conjuntura política em geral, e sobre a educação em particular, hoje, só poderá ser feito se associado ao papel que cumprem os meios de comunicação na nossa sociedade e sua influência sobre a educação que damos para nossos alunos.



Delegação de Niterói



Delegação do Norte/Noroeste Fluminense



Momento de votar